

O paradoxo do sonhar no contexto pandêmico: tempo, silêncio e a experiência analítica

Thais Klein¹

Juliana Rodrigues Vieira²

RESUMO O contexto instaurado pela pandemia de COVID-19 implica uma quebra temporal característica de uma catástrofe, engendrando uma série de desafios para a experiência analítica. Os tempos de pandemia acozzam tanto os analistas quanto os analisandos, sobretudo acerca do enredo de vivências criativas e destrutivas em cena. A partir do conceito bioniano de *rêverie* e da releitura de Ogden, circunscrevemos o silêncio e o sonhar enquanto componentes fundamentais do processo psicanalítico. Se, por um lado, a perspectiva freudiana aponta para o desvelamento do silêncio e para a interpretação dos sonhos, Bion e Ogden nos auxiliam a percebê-los enquanto processos elaborativos interpessoais. Destaca-se, principalmente, a paradoxal posição do sonhar em tempos pandêmicos, uma vez que se apresenta tanto como um desafio quanto como uma oportunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Pandemia; Sonhar; Silêncio

1. Psicanalista, doutora em teoria psicanalítica (PPGTP-UFRJ), doutora em saúde coletiva (IMS-UERJ). Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi e do Núcleo de Estudos em Psicanálise e Clínica da Contemporaneidade (Nepecc - UFRJ).

2. Mestranda em Saúde Coletiva no Instituto de Medicina Social (UERJ), especializada em Psicanálise na Contemporaneidade e graduada em Psicologia (UNISUAM).

Introdução

*A linguagem do sonho não está nas palavras, mas sim antes delas.
Nela, as palavras são produtos acidentais do sentido,
no qual se encontra a continuidade sem palavras de um fluxo.
O sentido se esconde dentro da linguagem dos sonhos na maneira
em que o faz uma figura dentro de um desenho misterioso.*

Walter Benjamin

*Silêncio, és melhor
De tudo o que eu ouvi*

Marina Tsvetaeva

Em março de 2020, algo previsível (diante da perspectiva instaurada em outros lugares do mundo), mas simultaneamente inesperado, atravessou o contexto brasileiro e exigiu, em nome da saúde coletiva, o distanciamento social. A pandemia de Covid-19 engendrou um cenário atípico, uma mudança repentina de cena que caracteriza uma catástrofe – as sensações de instabilidade, insegurança e medo da morte parecem permear explicitamente o discurso de todos aqueles que não pretendem ignorar a experiência que estamos atravessando. Acompanhando as considerações de Verztman e Romão-Dias (2020), ancoradas na discussão do psicanalista húngaro Sándor Ferenczi, consideramos a catástrofe como uma quebra de cenário repentina atravessada por todos em um determinado contexto, estreitando a noção de individualidade e expondo a tenuidade das fronteiras entre os sujeitos. A dimensão de quebra temporal é uma das características da catástrofe: a continuidade é suspensa e a possibilidade de instauração de um tempo sem tempo (Klein, 2016), articulado ao trauma, é eminente. No entanto, ainda seguindo as indicações de Verztman e Romão-Dias (2020), o trauma e, sobretudo, o trauma desestruturante (Ferenczi, 1934/1992), não se configura como uma consequência inevitável da catástrofe, mas pode ser engendrado ou não.

Enquanto isso, o tempo é de suspensão, mas sua implacável marcha em direção ao futuro não deixa de criar solavancos: o ritmo é paradoxalmente rápido e devagar. A espera, por sua vez, torna-se uma atmosfera onipresente – o que vem depois do olhar diante da morte? O cenário instaurado pela pandemia de Covid-19 nos coloca diferentes dimensões do que está por vir: seja pela dificuldade de sonhar um futuro possível, seja pela vontade de vislumbrar um

novo tempo para nossos sonhos. Por outro lado, se concebermos o sonhar, na esteira das considerações de Pontalis (1991), Bion (1962/1966, 1962, 1970) e Ogden (1994, 2001), como uma espécie de processo de elaboração, o sonhar pode acontecer sob determinadas condições, dentre elas, destacamos o tempo e o silêncio. É interessante salientar, conforme veremos adiante, que o contexto pandêmico é um contexto que exige o sonhar e, paradoxalmente, cria alguns obstáculos para que esse processo se coloque em cena. Nesse sentido, nosso objetivo é destacar a dimensão do sonhar, do tempo e do silêncio, apoiando-se nas considerações desses autores como um processo importante da situação analítica, enfatizando um aspecto paradoxal instaurado pelo contexto pandêmico marcado pela catástrofe: os impasses trazidos para o sonhar e a necessidade de, enquanto psicanalistas, nos atentarmos a esse processo.

Nesse mesmo movimento, as inúmeras discussões sobre a pandemia parecem se articular a uma necessidade de sonhar coletivamente aquilo que é de uma estranheza sem familiaridade – a espera, todavia, é inevitável. Não somos capazes de figurar o que nos atravessa nessa pandemia – a temporalidade aqui parece ser, por diferentes razões, um pouco como Freud (1912/1976) assinalou em relação à necessidade de adiar a escrita de um caso clínico para após seu encerramento: uma experiência só pode ser narrada *a posteriori*. Esse escrito configura-se, portanto, como uma tentativa apressada e necessária de sonhar.

Do sonho ao sonhar

É interessante notar que a problemática dos sonhos vem sendo enfatizada no contexto da pandemia de Covid-19 – pode-se destacar, por exemplo, o projeto de psicanalistas da Universidade de São Paulo que busca fazer uma espécie de banco de sonhos durante o período pandêmico (Jornal da USP, 2020). Mas, por que a discussão sobre os sonhos ganha destaque nesse contexto? Ainda que não seja possível responder a essa pergunta, algumas hipóteses podem ser lançadas, tais como relacionadas à quebra do espaço-tempo engendrada pela catástrofe, mudanças bruscas de rotina, uma espécie de deslocamento da percepção para o mundo interior ou mesmo a quantidade maciça de informações pela qual somos invadidos durante a vigília, constituindo intensos restos diurnos.

No entanto, apesar dessa especificidade trazida pela pandemia de Covid-19, sabemos que o sonho sempre foi um objeto fascinante, ao ponto de Pontalis (1991) assinalar a sua “força de atração” (p. 16) – fato que não passou despercebido pelo pai da psicanálise. Muito embora haja diferentes perspec-

tivas sobre as obras consideradas pré-psicanalíticas e aquelas que ocupam o estatuto de textos propriamente psicanalíticos, um consenso entre os psicanalistas diz respeito ao fato de que “A interpretação dos sonhos” (Freud, 1900/2018) marca um ponto de inflexão no pensamento freudiano e quiçá no pensamento ocidental. Ora, é justamente nos capítulos seis e sete que Freud sistematiza o inconsciente, circunscrevendo o sistema Ics – marca da terceira ferida narcísica da humanidade, depois de Copérnico e Darwin, ao descentrar o homem da consciência.

Seguindo as indicações de Pontalis (1991), Freud paradoxalmente resgata e esmorece o encanto em torno da problemática do sonho. Isso porque, segundo o autor, em sua *Traumdeutung*, o pai da psicanálise fornece mais atenção ao *Deutung*, isto é, seu significado apreendido pela interpretação, do que ao processo de sonhar propriamente dito. Na medida em que Freud aproxima sintoma e sonho e o torna interpretável, afasta-se do sonho enquanto processo para reduzi-lo à lógica do sintoma. Nas palavras do autor, que visa “[...] marcar até que ponto Freud *desencanta* o sonho” (p. 20, grifo no original), “ele substituiu a poesia, a atração do sonho – objeto, infância, tempo, mundo reencontrados depois de perdidos – por uma prosa com sua gramática e sua sintaxe” (p. 21). É evidente que a poesia não se esvaiu da obra freudiana, o próprio fato de Freud ter ganhado um prêmio de literatura³ indica a injustiça de atribuir a Freud um desencanto absoluto. A perspectiva assinalada por Pontalis (1991) aponta, portanto, para um aspecto importante: estaria o sonho relegado ao sentido recalcado remetido ao infantil? Mais especificamente, seria o sonho passível de se reduzir à sua interpretação?

Ainda segundo Pontalis (1991), esse desencantamento do sonho, articulado, sobretudo, à primazia dada à sua interpretação, viria no sentido contrário do próprio processo de sonhar, que não diz respeito às representações propriamente ditas, mas à elaboração. É interessante perceber que essa crítica parece ir ao encontro das discussões empreendidas por Kopenawa & Albert (2015), quando indicam o aspecto solipsista da concepção de sonho do homem branco, moderno e civilizado. Os autores afirmam que estes podem sonhar apenas com o seu próprio umbigo: os homens brancos dormem muito e sonham pouco, pois tem medo da morte. Ora, é curioso notar que o mesmo significante, umbigo, foi utilizado por Freud como um ponto de inflexão que o desloca da

3. Em 1930, Freud recebeu o prestigioso Prêmio Goethe da cidade de Frankfurt, Alemanha.

possibilidade de reduzir o sonho à sua interpretação: para Freud, o umbigo do sonho é aquele ponto ínfimo de toque com a morte, o ponto sem sentido.

É justamente em articulação a esse aspecto que se encontra um dos argumentos de Pontalis (1991) em relação aos obstáculos encontrados em Freud para o desencantamento total do sonho. Ora, o umbigo do sonho está associado, mais à frente, em “Além do princípio do prazer” (Freud, 1920/2010), ao conceito de pulsão de morte e, paralelamente, aos sonhos traumáticos, que assinalam, por sua vez, uma impossibilidade de sonhar. No entanto, se o sonho traumático consiste em uma espécie de “*flashback* e parada da câmera sobre a imagem” (Pontalis, 1991, p. 32), ele também aponta para outro aspecto do sonho: o estatuto de processo de elaboração aproximado ao próprio pensar.

O sonho, assim como o luto, configura-se como um processo de elaboração, e o sonho traumático revela a impossibilidade do “desenrolar do *Traum* – esse tecido de imagens – para dar todo o lugar a alguma cabeça de medusa” (Pontalis, 1991, p. 35). Esse aspecto, por sua vez, não passou despercebido por Ferenczi (1934/1992), que tomou o sonho traumático, exceção no pensamento de Freud, como o modelo princeps do sonho. Seguindo as indicações de Gondar (2013), a principal função do sonho enfatizada por Ferenczi consiste na possibilidade de fornecer algum grau de elaboração às impressões sensíveis – estas são, portanto, o centro de gravidade do sonho, e não as representações recalçadas. Logo, diferente da prioridade dada por Freud à interpretação, e criticada por Pontalis (1991), Ferenczi enfatiza uma dimensão elaborativa articulada às impressões sensíveis – que não configuram meros empresários do sonho, mas um personagem principal (Freud, 1900/2018).

Se, para Ferenczi (1934/1992), o sonho está articulado a uma dimensão elaborativa, o aspecto solipsista do sonho é colocado em xeque: conforme assinala Green (1990/2017), Ferenczi assume o lugar de pai da psicanálise contemporânea, dentre outros aspectos, ao levar em consideração o funcionamento mental do analista com as suas proposições sobre o “sentir com” e a “mutualidade”. É evidente, por outro lado, que a própria perspectiva transferencial que ganha destaque desde Freud impede que o sonhar seja concebido de forma totalmente solipsista: no contexto analítico, sonha-se *para* o analista. A mutualidade inserida por Ferenczi, todavia, abre espaço não apenas em relação ao sonhar *para*, mas na direção do sonhar *com*. Dessa perspectiva, a elaboração é mútua e não uma atividade solipsista – daqueles que dormem e sonham apenas consigo mesmo. Não à toa, essas proposições ressoaram em autores contemporâneos, como é o caso de Bion e Ogden. Esse último, ao retomar a concepção

bioniana de *rêverie*, concebe o processo do sonhar como uma espécie de estado mental e de ferramenta clínica centrais para a experiência analítica.

Considerado por Ogden uma das figuras que impulsionou a chamada visada ontológica⁴ da psicanálise, Bion, através da noção de *rêverie*, promoveu um deslocamento do enfoque da interpretação dos sonhos para a experiência de sonhar. Em relação ao que havia sido proposto por Freud, Bion deu ênfase para outro aspecto da compreensão dos sonhos através do conceito de *rêverie*. Este está associado à função alfa (Bion, 1962/1977), conceito desenvolvido por Bion no início da década de 1960, principalmente a partir da experiência clínica com pacientes considerados difíceis (como esquizofrênicos, neuróticos graves, dependentes químicos), mas também em conjunção com a sua experiência com grupos (Bion, 1975). De uma maneira geral, o conceito de função alfa fornece relevo a uma função mental que permite assimilar os dados de uma experiência emocional – a metáfora da digestão é bastante esclarecedora nesse ponto, trata-se de uma função que permite digerir elementos (que Bion chama de elementos beta) não assimiláveis de saída.

Nesse sentido, a *rêverie* consiste na possibilidade de transformação dos elementos beta, isto é, de transformar elementos ainda não “digeridos”, ou melhor, não sonhados, pelo psiquismo (o que constitui um elemento importante da função alfa). A *rêverie*, para o autor, remete à função materna de elaboração, que serve como continente para os conteúdos do bebê: a *rêverie* materna, através da função alfa, é capaz de “digerir” elementos e devolvê-los para o bebê, que não possui ainda um aparelho para pensar. Logo, a função alfa articulada à *rêverie* permite entrever uma visada intersubjetiva do sonhar. Enquanto, para Freud, o sonhar é considerado, sobretudo, uma atividade articulada ao sono, Bion passou a concebê-lo como uma atividade elaborativa e, de saída, interpessoal e fundadora do próprio aparelho de pensar. Em “Cogitações”, Bion (1992) lança mão da expressão “trabalho onírico alfa”, deixando evidente a articulação entre o sonhar e a função alfa. É interessante notar que, em relação ao pensar, processo equivalente à *rêverie*, Bion (1962) desloca a questão do pensamento para o pensar, destacando a dimensão errática e não subjetiva de ambos. O pensar enquanto um processo se articula ao pensamento sem pensador, a “[...]”

4. Thomas Ogden realiza uma discussão acerca das diferenciações e semelhanças entre a psicanálise epistemológica e ontológica em seu texto *Psicanálise ontológica ou “O que você quer ser quando crescer?”* na Revista Brasileira de Psicanálise, volume 54, n.1, p.23-46, 2020.

um ‘pensamento vagabundo’, ou um pensamento desprovido do nome e do endereço de seu mestre, ou um ‘pensamento selvagem’” (Bion, 1967/1998, p. 43). Dessa mesma perspectiva, o sonhar consiste em um processo elaborativo intersubjetivo: se um sonho não transforma alguma coisa, então não é um sonho.

Seguindo as indicações de Busch (2019), a concepção bioniana de *rêverie* foi apropriada por diversos autores de maneiras distintas (dentre os quais Busch destaca Antonino Ferro, o casal Rocha Bastos e Ogden), configurando-se como um verdadeiro guarda-chuva de diferentes acepções. Muito embora o autor assinala que Bion raramente teria utilizado esse conceito em referência à experiência analítica, é possível dizer que esta concepção se estende para a dupla analista e analisando. O que Bion introduziu de “inovador” para a psicanálise foi a relação da *revêrie* com a mente do próprio analista, abrindo, a partir disso, uma nova direção para a compreensão dos fenômenos psíquicos do analista e do analisando – questão desenvolvida por outros autores. Bion (1962/1966, 1962, 1970) ressalta que, enquanto psicanalistas, devemos abandonar a obsessão pela compressão para nos engajarmos em maior grau na experiência de “ser um com o paciente”, acompanhando sua contribuição sobre as transformações em O, em contraste com as transformações em K.

Segundo Reis (1999), o uso da *rêverie* tem bastante afinidade com a “atitude fenomenológica” de Husserl, na medida em que ambas têm como objetivo uma abertura revelatória para uma *awareness* da experiência sensível – a similaridade entre a *rêverie* e a primazia dada à percepção na fenomenologia de Merleau-Ponty são inúmeras. É interessante notar que Pontalis (1991) também faz uma articulação entre o sonhar e a problemática da percepção em Merleau-Ponty. Nas suas palavras: “o modelo do sonho é originário da nossa percepção. O paradoxo é que quando estamos de olhos fechados somos mais videntes” (Pontalis, 1991, p. 65).

É justamente ao fornecer outro espaço/tempo para *rêverie* que Ogden (1994, 2001, 2005) constrói uma leitura singular desse conceito, considerando-o como um estado mental do analista articulado ao analisando. No âmbito analítico, a *rêverie* se apresenta como uma diversidade heterogênea de estados, que parecem refletir uma autoabsorção narcísica do analista – as lembranças, memórias, devaneios, de um modo geral, que remetem a um terceiro sujeito que cria e simultaneamente é criado pelos outros dois (analista e analisando), o terceiro analítico.

Abre-se, assim, a possibilidade de transitar por outros caminhos em direção a uma zona que não é nem exclusiva do analista, nem exclusiva do paciente,

a *rêverie* aponta para a elucidação de que ambos estão intrinsecamente articulados a um processo comunicativo que toma forma em um terceiro sujeito (Ogden, 1994). Trata-se de um “terceiro sujeito com uma vida própria, gerada pelo par analítico e mantido em tensão dialética com a existência do paciente e do analista, como indivíduos separados” (Ogden, 1994, p. 11-12). Sendo assim, talvez não caiba decidir de saída se a *rêverie* diz respeito a elementos não sonhados pelo analisando ou a uma atividade de sonhar acordado do analista – o que importa é que a *rêverie* comporta um tempo próprio de um terceiro criado e que cria simultaneamente os dois sujeitos – talvez, somente *a posteriori*, seria possível atribuir a um dos polos a origem de tais elementos. A *rêverie* constitui, portanto, um meio de comunicação importante do terceiro analítico que engloba tanto experiências não articuladas do analisando, quanto sonhos acordados do analista. Certa assimetria, contudo, é uma característica importante do conceito de *rêverie*, posto que esta possibilidade de sonhar pode ser utilizada pelo analista como uma importante ferramenta clínica.

Retomando a proposição de Bion (1962/1966, 1962, 1970) de que a *rêverie* comporta uma capacidade de transformar processos não sonhados, uma das funções do analista (que assinala certa heterogeneidade) diz respeito à possibilidade, através da *rêverie*, de sonhar aquilo que não podia sê-lo. Isso porque, seguindo as indicações de Ogden, “se um sujeito não pode transformar certas impressões em elementos inconscientes da experiência que possam ser ligados, ele não pode sonhar” (Ogden, 2005, p. 19). A psicanálise, neste contexto, passa a ser compreendida como um processo através do qual se torna possível sonhar. Este trecho faz uma espécie de resumo do que pode ser concebido como processo analítico a partir dessas considerações:

Eu vejo a psicanálise como uma experiência na qual o paciente e o analista se engajam em um experimento no interior do enquadramento analítico que é desenhado para criar as condições nas quais o analisando (com a participação do analista) pode ser capaz de sonhar o que até então eram experiências emocionais não sonháveis (seus sonhos não sonhados). (...) Ao assim proceder, o analista facilita que o paciente possa, mais plenamente, se sonhar. (Ogden, 2001, p. 577)

É, portanto, a possibilidade de sonhar que marca o processo de análise. Para Ogden, sonhar não diz respeito a uma atividade particular ou íntima, nem mesmo articula-se a um significado específico, mas consiste em um processo que se ancora nas considerações de Bion sobre a transformação de experiências

não assimiláveis em elementos passíveis de se tornar psíquicos (ainda que inconscientes). Nas suas palavras, “sonhar é um processo constante que ocorre tanto no sono quanto na vida de vigília inconsciente” (Ogden, 2005, p. 19). No entanto, se os dois polos do terceiro analítico (de maneira assimétrica) estão envolvidos neste processo, como se passa da possibilidade de sonhar no terceiro analítico para a possibilidade de o paciente sonhar mais plenamente?

Da mesma forma que Ogden (1994) assinala a importância da “apropriação do espaço intersubjetivo” por parte do bebê como “um passo crítico no estabelecimento da capacidade do indivíduo de gerar e manter as dialéticas” (p. 60), na situação analítica, um dos caminhos também está neste processo. Ainda nas palavras do autor, “uma análise não é simplesmente um método de descoberta do oculto; é principalmente um processo de criação de um sujeito analítico que não existia antes” (p. 47). A constante tensão entre os polos que caracteriza o terceiro analítico configura o processo mesmo de análise: o objetivo não consiste em dissolver o terceiro e separar claramente o que é do analista e aquilo que corresponde ao analisando. A dialética aqui não comporta uma síntese e a situação analítica implica em uma capacidade de sustentar esta tensão. Nas suas palavras: “o término de uma experiência psicanalítica não é o fim do sujeito da psicanálise. O sujeito se apropria da intersubjetividade do par analítico e a transforma num diálogo interno” (Ogden, 1994, p. 47). A *rêverie* passa, então, a se constituir como uma possibilidade que contempla os dois polos criados e criadores do terceiro: podendo, dessa forma, sonhar.

A *rêverie* em tempos de pandemia: o tempo e o silêncio

Se, por um lado, seguindo as indicações de Pontalis (1991), Freud parece construir um modelo matricial dos sonhos que enfoca um “olhar para dentro”, Ogden reorienta esse “olhar para fora”, isto é, para um terceiro sujeito criado e criador do par analítico. Se o sonhar não é um trabalho solipsista, ou melhor, se o sonhar nem sempre está garantido pelo próprio sujeito, ele precisa de certas condições para acontecer, principalmente na experiência analítica. Destacaremos dois aspectos importantes para que o sonhar se estabeleça e seus impasses em tempos pandêmicos, a saber: o tempo e o silêncio.

A expressão “tempos de pandemia” é um tanto quanto curiosa: o que seria o tempo da pandemia? O tempo passa, mas de fato passa? O ritmo ditado pelos humanos – dia, noite, dias da semana, fins de semana, feriados – parece um bloco homogêneo. Como um ruído permanente e constante, o tempo da

pandemia – ainda que não igual para todos – é uma sucessão sem qualidade, ou um amontoado de quebras sem sucessão, provocadas pelo terror de novas tragédias – no cenário brasileiro, elas também se tornaram uma constante. A experiência analítica foi inevitavelmente acossada por essa quebra: seja no que concerne à saída forçada dos consultórios e a entrada na virtualidade, seja pela comoção psíquica engendrada pela catástrofe que atravessa a todos. Para Ogden (2005), a temporalidade do sonhar comporta a potencialidade do passado, do presente e do futuro – o sonhar em tempos de pandemia paradoxalmente se torna um desafio e um caminho possível. O paradoxo que então se coloca para o analista, de modo mais explícito, gira em torno da necessidade e da dificuldade que é sonhar na pandemia. Aquele que vive uma experiência de desamparo radical depara-se com um tempo fora do tempo, a sensação de descontinuidade parece ser condensada em um “tempo da ausência do tempo” (Klein, 2016, p. 102). Como, enquanto analistas, conseguimos sustentar o sonhar enquanto um processo central na situação analítica?

Diante dessa pergunta, cabe destacar que uma questão bastante revisitada pelos psicanalistas durante o período de pandemia consiste na problemática do enquadre, principalmente no que concerne à saída dos habituais consultórios tão cuidadosamente preparados e a entrada forçada na virtualidade. É interessante destacar que um dos aspectos que incitaram Green a retomar a noção de enquadre, desenvolvida originalmente por Bleger (1988), diz respeito a desafios enfrentados no contexto que ele chama de psicanálise contemporânea. Isso porque, na psicanálise freudiana, certas questões, como a possibilidade de se estabelecer a associação livre e a escuta flutuante, o uso do divã, o horário e a duração de sessões, dentre outras, constituíam com frequência uma espécie de pano de fundo silencioso e constante sobre o qual certos processos, tais como a transferência e a interpretação, se desenrolavam. No entanto, de acordo com Green (1990/2017), algumas situações clínicas, marcadas por determinadas configurações psíquicas (mais especificamente o autor se refere aos estados limites), deslocaram esta estrutura de um lugar silencioso – e a pandemia de Covid-19 certamente foi um contexto que tornou ruidoso o enquadre analítico.

É interessante salientar que, da perspectiva de Green (1990/2017), o modelo do sonho – entendido como um processo de elaboração – está ligado ao enquadramento analítico enquanto pano de fundo silencioso e constante. A tela de fundo sobre a qual se desenvolve o pensamento associativo tecido em análise é ambientada pelo silêncio. Green (1990/2017), em “O silêncio do psicanalista”, aponta que há, ao menos, oito formas distintas de distinguir as trocas possíveis

entre analista e analisando no interior do enquadre. Entre dito e não dito, sabido e não sabido, inaudível e inaudito, o autor conclui que silêncio e fala são solidários e articulados entre si. O silêncio constitui, portanto, um aspecto do espaço potencial que se articula ao enquadre e serve de moldura para o sonho. Remetendo-se à perspectiva winnicottiana, Green indica que, para que se possa sonhar, é preciso, portanto, estar com o outro, mas poder estar só na presença de alguém: entre o silêncio e a palavra, há o sonhar (Padrão, 2009).

Nas palavras de Green:

Podemos dizer que o silêncio é o equivalente, na vigília, ao sono do analista: ele se escuta escutando, enquanto nessa cena do discurso escutado, que faz eco à cena do sonho, formam-se associações do ouvinte, assim como o trabalho do sonho labora reunindo fragmentos figurados, tempo prévio de formação e depois da formulação interpretativa, contraponto da elaboração secundária do conteúdo manifesto de uma produção onírica (Green, 1990/2017, p. 303)

O silêncio, dessa perspectiva, pode ser compreendido como condição *sine qua non* para sonhar. Só se sonha no silêncio, com o silêncio e através do silêncio – não se trata do silêncio como vazio absoluto, mas como pano de fundo dos processos elaborativos. O enquadre silencioso parece ser, portanto, o ponto de partida para que possamos sonhar e, assim como o sonho consiste-se no guardião do sono, o analista parece ocupar o lugar de guardião do enquadre. Nesse sentido, as mudanças de enquadre, exigidas pelo contexto pandêmico, implicaram em deslocamentos e desafios para o sonhar. A maior dificuldade de sustentar o silêncio nas sessões virtuais é uma queixa frequente, principalmente por parte dos analistas. Além da obviedade do deslocamento realizado para os ambientes virtuais e a necessária reconstrução do enquadre, o contexto pandêmico nos coloca frente a frente com a morte, configurando-se como uma catástrofe que se arrasta no tempo presente. Estar só, muitas vezes, se contrapõe a estar com o outro, a dimensão da solidão se escancara e deixa marcas em inúmeras experiências analíticas – estar em silêncio pode remeter a calar-se diante da morte. Na pandemia de Covid-19 não deveria ser possível ignorar a morte – ainda que alguns se esforcem para isso: “e daí?”

Ora, para Freud, o umbigo do sonho é aquele ponto ínfimo de toque com a morte, o ponto sem sentido e, paradoxalmente, um caminho para a criação – o contexto pandêmico torna, portanto, urgente a possibilidade de constituir espaços-tempos de silêncio para que se possa sonhar. Retomando mais uma vez

a discussão empreendida por Ogden (1994, 2001), a situação analítica pode ser concebida como a possibilidade de “tornar-se cada vez mais capaz de sonhar a própria experiência, que é sonhar-se existindo” (Ogden, 2001, p. 25). Como, enquanto analistas, para além da preocupação em manter o enquadre, podemos sustentar, em tempos tão adversos, a potencialidade do passado, do presente e do futuro, de modo que possamos sonhar? Sonhar para além do nosso umbigo – nesse sentido, o desafio dos tempos da pandemia está posto para todos nós, inclusive para a própria psicanálise.

Desse modo, a *rêverie* é um conceito-chave bioniano que revela a relação de objeto. O trabalho dos sonhos é uma função primordial e constante do psiquismo, um aparato para pensar os pensamentos (Bion, 1962). Diferentes níveis da sensorialidade e de transformações são operadas através do sonhar. Como já mencionamos, na vida do bebê, por exemplo, a função da *revêrie* é altamente exigida para transformar suas manifestações corporais não mentalizadas em elementos psíquicos. A *rêverie* oferece a experiência da continuidade, permite o trabalho da figurabilidade, inspira a tolerância e a frustração, inicia a atividade K (*knowledge*) da mente, dentre outros fenômenos. Nas conferências de Nova Iorque, Bion afirma que a função alfa é semelhante à oferta de um ninho para que os pássaros que buscam significados consigam repouso restaurador.

Considerações finais

Se o contexto da pandemia de Covid-19 implicou uma quebra temporal característica de uma catástrofe, o sonhar torna-se, paradoxalmente, uma tarefa complexa e necessária. Sua condição *sine qua non* implica um pano de fundo silencioso que, articulado ao enquadre, impõe-se como mais um desafio ao sonhar durante a pandemia. Por outro lado, se o sonhar não consiste em uma atividade solipsista, e se a catástrofe empreende uma quebra das supostas fronteiras entre os sujeitos, ela também implica no paradoxo de ser tanto uma oportunidade, quanto um impedimento para que o sonhar se torne um processo possível. Essa questão se coloca, mais do que nunca, para analista e analisandos. Retomando um aspecto destacado em relação à *rêverie*, é preciso ressaltar que ela não é passível de ser atribuída de saída a um dos sujeitos da situação analítica – pelo contrário, é justamente este processo em conjunção com o terceiro analítico que permite criar esses dois sujeitos. O sonhar, aqui, não pode ser sonhar com o próprio umbigo – como disse Kopenawa & Albert (2015) sobre os brancos que “não conseguem se expandir e se elevar, porque eles querem

ignorar a morte. [...] Os brancos não sonham tão longe quanto nós. Dormem muito, mas sonham só consigo mesmo” (p. 390).

Se o sonhar não consiste em uma atividade solipsista e se a catástrofe comporta uma quebra das supostas fronteiras entre os indivíduos que por ela são atravessados, também no campo psicanalítico o contexto pandêmico implica a importância de ampliar os diálogos com outros campos do saber – quem sabe, assim, aumentamos nossa capacidade de sonhar. Em “Ideias para adiar o fim do mundo”, Ailton Krenak (2020a) defende a concepção pertencente ao seu povo originário (os Krenak), acreditando que a experiência dos sentidos nos sonhos prepara as pessoas para se relacionar com o cotidiano, de tal modo que o sonhar afetaria o mundo sensível – abrindo espaço para a elaboração do mundo e para “produzir outros corpos, outros afetos, sonhar outros sonhos para sermos acolhidos por esse mundo e nele podermos habitar” (Krenak, 2020b, p. 47).

Diante desse quadro, os desafios dos tempos de pandemia estão colocados para todos nós, analistas e analisandos: como sonhar sonhos não sonhados em tempos de terrores (não apenas) noturnos? O objetivo desse artigo foi menos responder a essa pergunta e mais chamar atenção para outra visada da problemática em torno do sonho que guarda a necessidade do silêncio na presença em tempos de solidão e a potencialidade do passado, do presente e do futuro em tempos no qual o presente parece reinar imperioso. Quem sabe assim, nós psicanalistas, poderemos aos poucos encontrar melhores encaminhamentos para essas questões – mais do que ficar fascinados pela força de atração do sonho, trata-se de vislumbrar caminhos para continuarmos sonhando.

The paradox of dreaming in the pandemic context: time, silence and analytical experience

ABSTRACT *The context established by the COVID-19 pandemic implies a time break characteristic of a catastrophe, engendering a series of challenges for analytical experience. Pandemic times haunts both psychoanalysts and patients, especially around the plot of creative and destructive experiences put on stage. From the bionian concept of rêverie and the Ogden's rereading of Bion's work, we circumscribe silence and dreaming as fundamental components of the psychoanalytic process. If, on the one hand, the Freudian perspective points to the undulating of silence and the interpretation of dreams, Bion and Ogden help us to understand them as interpersonal elaborative processes. It stands out, mainly, the paradoxical position of dreaming in pandemic times, since it presents itself both as a challenge and as an opportunity.*

KEYWORDS: *Psychoanalysis; Pandemic; Dreaming; Silence*

La paradoja de soñar en el contexto pandémico: el tiempo, el silencio y la experiencia analítica

RESUMEN El contexto instaurado por la pandemia de Covid-19 ocasionó una ruptura temporal, típica de una catástrofe, generando inúmeros desafíos para la experiencia psicoanalítica. Los tiempos de pandemia afectan simultáneamente a analistas y analizandos, especialmente por la trama de vivencias creativas y destructivas que puestas en escena. A partir del concepto bioniano de *rêverie* y de la relectura de Bion realizada por Ogden, circunscribimos el silencio y el soñar como componentes fundamentales del proceso psicoanalítico. Si, de una parte, la perspectiva freudiana apunta hacia el desvelamiento del silencio y hacia la interpretación de los sueños, Bion y Ogden ayudan a percibirlos como procesos elaborativos interpersonales. Se destaca, principalmente, la posición paradójica del soñar en tiempos pandémicos, que se presenta simultáneamente como un desafío y como una oportunidad.

PALABRAS CLAVE: psicoanálisis, pandemia, soñar, silencio.

Referências

- Bion, W. R. (1962). *Second thoughts*. London: Karnac Books.
- Bion, W. R. (1966). *O aprender com a experiência*. (J. Salomão e P. D. Corrêa, trads.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962).
- Bion, W. R. (1970). *Attention and interpretation*. London: Karnac Books.
- Bion, W. R. (1975). *Experiências com grupos* (2ª ed., W. I. Oliveira, trad.). Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: EDUSP.
- Bion, W. R. (1977). Learning from experience. In W. R. Bion, *Seven servants: four works by Wilfred R. Bion*. New York: J. Aronson. (Trabalho original publicado em 1962).
- Bion, W. R. (1988). *Estudos psicanalíticos revisados* (Second thoughts). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1967).
- Bion, W. R. (1992). *Cogitations*. London: Karnac Books.
- Bleger, J. (1988). O grupo como instituição e o grupo nas instituições. In: Kaës, R.; Bleger, J.; Enriquez, E.; Fornari, F.; Fustier, P.; Roussillon, R.; Vidal, J. P. (Orgs.). *A instituição e as instituições*. Trad. J. P. Neto. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Busch, F. (2019). *The analyst's reveries: explorations in Bion's enigmatic concept*. New York: Routledge.
- Ferenczi, S. (1992). Reflexões sobre o trauma. In S. Ferenczi, *Psicanálise IV* (pp. 109-117). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1934).
- Freud, S. (1976). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., v. 12, pp. 147-162). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912).

- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *História de uma neurose infantil* (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)(P. C. Souza, trad., v. 14, pp. 161-239). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (2018). *A interpretação dos sonhos* (W. I. Oliveira, trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1900).
- Gondar, J. (2013). Ferenczi e o sonho. *Cadernos de psicanálise*, 35(29): 27-39. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v35n29/a02.pdf>
- Green, A. (2017). *A loucura privada: psicanálise de casos-limite*. São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1990).
- Jornal da USP. (2020). Você tem sonhado muito com a pandemia de covid-19? *jornal.usp.br*, 30/04/2020. Recuperado a partir de <https://jornal.usp.br/?p=318739>.
- Klein, T. (2016). *Angústia e tempo na obra freudiana*. Curitiba: Juruá.
- Kopenawa, D. & Albert, B. (2015). *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2020a). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2020b). *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ogden, T. H. (1994). *Os sujeitos da psicanálise* (C. Berliner, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ogden, T. H. (2001). *Conversations at the frontier of dreaming*. Northvale: Jason Aronson.
- Ogden, T. H. (2005). *Esta arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos*. Porto Alegre: Artmed.
- Padrão, C. B. (2009). Considerações sobre o silêncio na clínica psicanalítica: dos primórdios aos dias atuais. *Cadernos de Psicanálise - CPRJ*, 31(22): 91-103. Recuperado de http://www.cprj.com.br/imagenscadernos/08.Consideracoes_sobre_o_silencio_na_clinica_psicanalitica.pdf
- Pontalis, J.-B. (1991). *A força de atração*. São Paulo: Jorge Zahar.
- Reis, B. E. (1999). Thomas Ogden's phenomenological turn. *Psychoanalytic Dialogues*, 9(3): 371-393. <https://doi.org/10.1080/10481889909539328>
- Verztman, J. & Romão-Dias, D. Catastrophe, mourning and hope: psychoanalytic work during the COVID-19 pandemic. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental [online]*. 2020, v. 23, n. 2

Recebido: 28/02/21

Aceito: 15/06/2021

Thais Klein

Rua Tonelero, 162/4 – Copacabana
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22030-002
(21) 98105-0060
thaiskda@gmail.com

Juliana Rodrigues Vieira

Rua Marambaia, 83 – Olavo Bilac
Duque de Caxias – RJ – CEP : 25025-540
(21) 97326-2863
julianavieira.contato@gmail.com